

Arte em Movimento: Relações Públicas como propagador de cultura local

Taís Dias CAPELINI¹

Bárbara Zoncopé CARNIERI²

Celina Marta CORRÊA³

Mariany Schievano GRANATO⁴

Gabriela Alves MASSERANI⁵

Juliana Bicalho MATIAS⁶

Júlica Scherer SADI⁷

Catarina Rangel Gomes da SILVA⁸

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP

RESUMO

O presente artigo busca abordar a importância da atuação dos profissionais de relações-públicas como agentes de produção cultural que estimule, sobretudo, o desenvolvimento da cultura local. Para isso, procuramos desenvolver o conceito de cultura; ressaltar a importância das relações-públicas comunitárias; bem como destacar a necessidade do retorno social à comunidade propiciado pela universidade pública. Este artigo é fruto do projeto “Arte em Movimento”, trabalho prático desenvolvido por um grupo de alunas da Universidade Estadual Paulista (Unesp) realizado no Jardim Ouro Verde, bairro localizado na região periférica da cidade de Bauru, São Paulo. Partimos do pressuposto que projetos culturais desempenham um papel fundamental ao trabalhar para divulgar e estimular produções culturais locais, propiciando o acesso e despertando o interesse por essas atividades a um maior número de pessoas.

Palavras-chave: Relações Públicas Comunitárias; Cultura; Hierarquias Culturais; Produção Cultural; Responsabilidade Social.

Introdução

¹ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: tais_capelini@hotmail.com

² Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: barbara_zac@hotmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Profª Drª Celina Marta Corrêa do Curso de Comunicação Social da UNESP, e-mail: cemaco@faac.unesp.br

⁴ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: marianygranato@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: gamasserani@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: julianabicalhomatias@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: julisadi@hotmail.com

⁸ Estudante de Graduação do 5º Termo do curso de Comunicação Social – Habilitado em Relações Públicas da UNESP, e-mail: catarinarangel@gmail.com

O acesso à cultura no Brasil se restringe na maioria dos casos a parcela da população que tem condições financeiras de acompanhar o que é produzido. Esta produção cultural não recebe muito incentivo estatal ou privado, o que acaba encarecendo seus produtos e afastando o público de menor renda. Esse fato é agravado pela localização onde essas manifestações culturais acontecem. Na maioria das vezes, as atividades culturais estão distantes da grande parte da população e se restringem aos locais onde são produzidas, dificultando ainda mais seu alcance.

A cidade de Bauru, especificamente, já apresenta uma defasagem por estar distante do grande pólo cultural do estado, ou seja, a cidade de São Paulo, o que cria barreiras para a participação nos grandes eventos culturais. Além disso, na própria cidade as atividades voltadas para produção cultural se concentram principalmente próximas à região central, podendo ser encontradas na Avenida Getúlio Vargas, onde há bares e eventos, e na Avenida Nações Unidas, onde se encontra o Teatro Municipal. Porém, estes locais estão distante de muitos bairros populosos, o que torna difícil o acesso a grande parte da população bauruense. Na cidade, o SESC (Serviço Social do Comércio), uma outra instituição relevante para as práticas culturais de Bauru, tenta proporcionar diversão e cultura de forma mais acessível e constante, mas ainda assim não dá conta de toda demanda cultural da cidade e não consegue atingir a população como um todo, uma vez que também localiza-se distante e de difícil acesso para muitos cidadãos.

Tendo em vista tais questões, o presente artigo pretende discorrer sobre a relação entre a Produção Cultural em bairros periféricos e a área de Relações Públicas, visando desenvolvimento e melhoria de ações culturais na sociedade. O projeto “Arte em Movimento” foi criado com a intenção de realizar intervenções artísticas, a partir das demandas dos próprios moradores do bairro periférico Jardim Ouro Verde, na cidade de Bauru. Ali, já aconteciam apenas algumas atividades culturais isoladas, apesar da existência do Centro Comunitário. Pretendeu-se desenvolver, então, juntamente com moradores locais, um trabalho que despertasse o interesse pela cultura e mostrasse aos próprios moradores que eles são possuidores da capacidade de se organizar para desenvolver e prestigiar o que é produzido no bairro, para maior organização e ganho da comunidade.

Cultura: conceitos e implicações

O conceito de cultura é um tema extremamente complexo devido à multiplicidade de interpretações que ele pode trazer. Dentre as inúmeras interpretações, podemos falar em “cultura de massa”, “culturas de classe”, “cultura erudita” e “cultura popular”⁹.

De maneira geral, partimos da análise de Edgar Morin, a qual delega que:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, técnicas, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos que se transmitem de geração a geração, se reproduzem em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade moral. Não há sociedade humana sem cultura, mas cada cultura é singular. Assim, há sempre a cultura nas culturas, mas a cultura não existe senão através das culturas. (MORIN, 2001. P.56)

Ainda de acordo com o mesmo autor,

A cultura mantém a identidade humana naquilo que ela tem de mais específico. As culturas são aparentemente fechadas sobre elas mesmas. Mas, (...) são também abertas: integrando nelas não somente saberes e técnicas mas também idéias, costumes, alimentos, dos indivíduos vindos de alhures. Essas assimilações são enriquecedoras. Pelo contrário, a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor de uma dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, pois a diversidade das culturas constitui um de seus preciosos tesouros. (MORIN, 2001. P.57)

Sendo assim, no atual trabalho, concordamos com a análise de que existe uma “hierarquia cultural”, na qual os conflitos entre as chamadas “culturas dominantes” (ou “cultura de massa”) e “culturas dominadas” (ou “cultura popular”) se fazem relevantes.

As culturas nascem sempre das relações sociais que são sempre relações desiguais. Desde o início, existe então uma hierarquia de fato entre as culturas que resulta da hierarquia social. Pensar que não há hierarquia entre as culturas seria supor que as culturas existem independentemente umas das outras, sem relação umas com as outras, o que não corresponde à realidade. (CUCHE, 2002. P.143-144.)

É importante ressaltar que o desenvolvimento da noção de cultura esteve atrelado ao avanço das mentalidades. Sob essa ótica, a sociedade brasileira - apesar de

⁹ Usaremos os termos referentes à cultura entre aspas para deixar evidente a discordância com essa terminologia, que se faz redutora. Concordamos com a definição de Morin, a qual classifica a cultura como uma vasta trama de significados inerentes a natureza coletiva. Contudo, acreditamos ser necessário o uso desses termos para que fiquem claras as diferenças, tanto sociais quanto valorativas, que existem no processo de produção da cultura.

ter sido formada pelo encontro de inúmeras etnias e culturas - sofreu durante sua formação, um processo extremamente discriminatório. O pensamento dominante, herdado da mentalidade européia, ignorava quaisquer manifestações culturais que não fossem, em maior ou menor grau, oriundas da Europa. Sendo assim, as atividades culturais de componentes de origem indígenas e africanos eram consideradas secundárias, ou ainda “primitivas”. Esse pensamento, mesmo tendo sofrido algumas transformações no decorrer dos anos, ainda encontra ressonâncias atualmente.

Paralelamente a isso, o desenvolvimento e a consolidação da “indústria de massa” e, por conseguinte, da “indústria cultural” também colaborou para a desvalorização da “cultura popular”. Mesmo sendo um fenômeno recente, a “indústria cultural” trata-se de importante processo homogenizador de produção em larga escala que se impõe sobre a sociedade. Este processo não leva em conta a produção cultural local, voltando-se apenas para os interesses mercadológicos que vende a cultura, visando o consumo seguido do descarte. Além disso, a “indústria cultural”, através de diversos mecanismos sedutores, valoriza apenas aquilo que é novo - não levando em conta a importância das tradições culturais – para que aquele ciclo de consumo seja sempre realimentado.

No entanto, vale lembrar-nos que devemos evitar concepções demasiadamente redutoras, como considerar que a cultura dominante pode sempre se impor aos grupos sociais mais fracos, ou que estes não estejam em condições de contestar aquilo que lhes são colocados. A dominação cultural nunca pode ser definitiva e seus efeitos jamais podem ser previstos, pois sofrer a imposição cultural não é sinônimo de aceitação da mesma.

De acordo com Denys Cuche,

As culturas populares revelam-se (...) nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. (CUCHE, 2002. P.148-149)

Uma cultura popular é obrigada a funcionar, ao menos em parte, como cultura dominada, no sentido em que os indivíduos dominados devem sempre “viver com” o que os dominantes lhe impõem ou lhe recusam, isto não impede que ela seja uma cultura inteira, baseada em valores e práticas originais que dão sentido à sua existência.

(CUCHE, 2002. P.152)

Sendo assim, acreditamos que as culturas devem aprender umas com as outras, visto que a compreensão implica o aprendizado contínuo. Além disso, consideramos imprescindível a aproximação entre as culturas para que as “culturas populares” ganhem mais visibilidade, não se restringindo apenas a cultura local onde é produzida. Partimos do pressuposto que projetos culturais, vinculados à universidade ou não, desempenham um papel fundamental ao trabalhar para divulgar e estimular produções culturais locais, propiciando o acesso e despertando o interesse por essas atividades a um maior número de pessoas. Desse modo, entre os muitos questionamentos a respeito da noção de cultura, torna-se relevante o reconhecimento da pluralidade cultural da população, que deve ser reconhecida entre as diversas camadas sociais e com elas dialogar.

Universidade Pública e Comunidade

A Universidade Pública, além de ser fonte de conhecimento, produção de conteúdo e pesquisa, deve ser unidade ativa no meio em que está inserida. Ela não deve trabalhar isoladamente, apenas atentando-se a assuntos que cabem ao meio interno, é dever da entidade que ela se utilize de seus meios para auxiliar o desenvolvimento sociocultural e ambiental.

No Brasil, a Universidade Pública teve participação decisiva no desenvolvimento econômico e social do país no século XX, principalmente com a USP (Universidade de São Paulo) e a Universidade do Brasil, atual UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Além disso, passou a desempenhar pesquisa científica e tecnológica.

Este tipo de instituição de ensino já possui um diferencial em relação às particulares, pois possuem um perfil mais amplo, enquanto a segunda prepara, em sua maioria, profissionais voltados exclusivamente ao mercado de trabalho. Obviamente uma universidade deve graduar e profissionalizar seus alunos, porém no caso da organização pública, ela é formadora de cidadãos e críticos, tanto os que a lhe “pertencem” quanto os que a rodeiam.

A iniciativa de ampliar as atividades universitárias para a população em geral parte muitas vezes dos próprios alunos, que juntamente aos professores e funcionários proporcionam melhorias para o bem estar social.

Essas ações não devem ser encaradas como caridade, ou algo do gênero, uma vez que a Universidade Pública não foi criada apenas em razão do estudante, ela tem o intuito de beneficiar toda a sociedade e sua estrutura, e para isso a formação acadêmica.

Promover acesso ao conhecimento, numa dimensão educativa, é realizar uma potencialização histórica e humana de uma sociedade; é um recurso estratégico, legítimo, para o fomento de transformações sociais, com a aculturação que eleva a estatura da consciência histórica do indivíduo e da coletividade, além de melhor equipar o emocional e cognitivamente o próprio grupo.
(VIEIRA, 1999, apud OCTAVIANI. P.3)

Reforçando o que foi dito anteriormente, os serviços prestados à comunidade também são fonte de avaliação do Estado em relação aos órgãos de ensino público. Pela qualidade oferecida, uma instituição deste porte acaba valorizando o município na qual está inserida, pois se associa ao processo de desenvolvimento de comunidades interioranas.

Mais do que um dever para com o Governo, devido ao investimento que nela é depositado, a Universidade Pública visa formar pessoas com consciência cidadã e com o desejo da mudança, e além de tudo, proporcionar conhecimento e cultura aos que não tem acesso contínuo a esses “privilégios”.

Teoria e Prática das Relações Públicas Comunitárias

A comunicação dentro de projetos sociais surge com caráter participativo, no qual a informação é compartilhada de forma horizontal com a população de determinada comunidade, fazendo com que eles se sintam e realmente façam parte do processo, passando a responsabilidade de divulgação para tais cidadãos. Como no caso do projeto Arte em Movimento, um dos divulgadores das atividades foi o próprio morador, com sua moto e sua caixa de som, por todo o bairro.

Sem a intenção de manipular tal informação, ela passa a ter um caráter livre e educativo. De acordo com Márcio Simeone Henrique,

(...) A co-participação no diálogo é que torna o homem capaz de transformar a realidade que o cerca, sem a invasão e a posição unidirecional. (HENRIQUE, 2007. P.66)

O profissional de comunicação, como o relações-públicas assume a função de

gerar tal comunicação clara e sem ruídos, para que atinja a todos da mesma maneira, possibilitando uma interação entre os cidadãos, bem como com o projeto. Sendo assim, deve usar de formas e técnicas participativas para poder contar com os moradores de determinado bairro no antes, durante e pós-projeto, visando uma melhoria contínua deste espaço.

Existem, segundo Henrique, alguns níveis de participação dentro do projeto e para tal análise são utilizados alguns fatores,

(...) São propostos critérios (níveis) que caracterizam a natureza e a força da vinculação: localização espacial, informação, julgamento, ação, continuidade, coesão, co-responsabilidade e participação institucional. (HENRIQUE, 2007. P.67)

Há, também, níveis de benefício, o qual depende do envolvimento da pessoa dentro do projeto, os que mais se beneficiam são aqueles que sabem que ao participar terão algum benefício. Está aí um fator que deve ser instigado, pois o resultado de tais ações sociais atinge seu ponto máximo, quando encontramos a co-responsabilidade como fator primordial.

Desta forma o morador de determinada região sente-se participante ativo do projeto e colhe seus resultados visíveis para melhoria de seu bairro ou de sua própria vida, no que diz respeito tanto à parte cultural como social e econômica.

Através desta estratégia há a grande possibilidade de continuidade do projeto pelos próprios moradores do bairro, evitando atitudes isoladas e pontuais, mas deixando aberto e livre para que eles próprios consigam desenvolver ações para benefício próprio dentro de seu espaço.

A comunicação desempenha papel fundamental no processo, pois deve transmitir a segurança do projeto, para que cada vez mais pessoas se interessem em participar e desenvolver ações que beneficiem a sociedade em questão, a noção de que a pessoa tem papel fundamental naquilo, sendo participante real e indispensável, para isso tem que haver um grande compartilhamento de informações, tendo como objetivo a coesão do projeto como um todo.

Palavra-chave para atingir a excelência é clareza na transmissão de idéias, do objetivo do projeto, seus impactos reais e conseqüências, bem como a forma de ação, para que todos tenham conhecimento de todo o processo e surja daí a segurança

necessária para obter o apoio da população.

Para tal, o discurso deve ser aberto, como relata Henrique,

Finalmente, é preciso considerar a especificidade do discurso mobilizador: ele deve ser um discurso aberto, planejado para criar uma sensação de pertencimento a determinada realidade, de forma que os indivíduos, por conta própria e a partir de seus valores, da sua subjetividade, avaliem a realidade, decidindo participar ou não dos movimentos sociais. (HENRIQUE, 2007. P.74)

Há que se tomar certo cuidado com a mídia, pois tende a ser um fator negativo, quando usada de forma massiva, pois, na maioria dos casos, mostrando alguns moradores de certa região apenas como sujeitos passivos de uma história ou de um projeto. E, como ela é indispensável, pois ao mesmo tempo forma a ligação com a opinião pública, tem-se que ter cuidado e cautela e não ser o ponto-chave de divulgação para tais moradores.

Fazendo com que existam formas alternativas de se efetuar esta comunicação para que se atinja seu êxito desejado, o modelo mais indicado para tal seria a comunicação dirigida, para um público segmentado, com informações estratégicas, de grande impacto social e no que diz respeito da continuidade e circulação de informações dentro do projeto, seria mais adequada fazer uso de uma comunicação mais aberta.

No contexto brasileiro atual, marcado por contradições, a comunicação popular e comunitária aparece como alternativa de mobilizações pela transformação social das condições que oprimem classes não privilegiadas economicamente. No início da década de 80, iniciam-se as discussões das relações públicas a partir de uma nova ótica, surgindo também, sua utilização a serviço dos interesses populares e comunitários.

O relações-públicas assim, segundo Peruzzo, busca se articular de modo a provocar a mobilização social e realizar ações concretas com vistas à melhoria da consciência política e das condições de existência das populações empobrecidas.

(...) entende-se a comunicação comunitária como aquela desenvolvida de forma democrática por grupos populares em comunidades, bairros, espaços on-line, entre outros, segundo seus interesses, suas necessidades e capacidades.(...) é feita pela e para comunidade. (PERUZZO, 2009. P.418)

Este profissional busca, por meio das experiências de caráter popular comunitário, favorecer a autoemancipação humana e auxiliar na melhoria das condições de existência de classes subalternas; para tanto, necessita profundos estudos a respeito dos públicos atingidos e seus interesses, e então, estimular a participação da comunidade envolvida.

Tal envolvimento pode ser alcançado por meio de um planejamento participativo, que se diferenciando dos princípios básicos de planejamento (utilizado como ferramenta de maximização dos lucros), este é um instrumento utilizado por aqueles que buscam interferir na realidade social, transformando-a. Para tanto, faz-se necessário, o despertar da consciência crítica do grupo ou comunidade. Jesus ilustra o posicionamento de Demo em relação ao autodiagnóstico, medida de reflexão do indivíduo acerca de uma certa realidade:

Segundo o autor, da consciência crítica e da autocrítica formula-se uma estratégia concreta de enfrentamento dos problemas, que destaque prioridades, caminhos alternativos, propostas de negociação, enfim, ações dentro e um contexto planejado. Após as duas primeiras etapas, devemos organizá-las de modo a alcançar o propósito do grupo. (JESUS, 2004. P.78)

Relações públicas comunitárias e populares se identificam com relações públicas alternativas, que, para Peruzzo, “são aquelas realizadas no âmbito de ‘comunidades’, associações, movimentos populares e outras organizações sem finalidade de lucro”.

Portanto, Kunsch acredita que as relações públicas comunitárias, transcende o simples trabalho "para" a comunidade, como tradicionalmente, através de ações sociais paternalistas. Proporcionam uma relação de integração, onde o profissional é, acima de tudo, um articulador e um incentivador, não apenas um simples transmissor de conhecimentos e aplicador de técnicas aprendidas.

Como indivíduo e cidadão, o profissional de relações públicas deve cultivar conscientemente a solidariedade e outros valores humanos e sociais, para ajudar a construir uma sociedade mais justa. (KUNSCH, 2009. P.447)

Como relutados destas atividades dificilmente podem ser medidos em números expressos em tabelas e gráficos, é possível identificá-los por meio dos benefícios

proporcionados ou significados concretos para a vida das pessoas, as quais nem sempre se acomodam em arranjos estatísticos.

Durante o projeto “Arte em Movimento”, o grupo utilizou-se dessa função da profissão de relações-públicas, objetivando fazer da comunidade do bairro Ouro Verde, uma comunidade auto-gestora, envolvendo-a em todas as etapas, sempre com a preocupação de enquadrar o evento às necessidades da região. Moradores, líder do bairro, comerciantes locais, instituições de ensino, todos se envolveram de diferentes formas, dando sugestões, oferecendo apoio financeiro, auxiliando na captação de recursos, divulgação e principalmente nas apresentações artísticas ocorridas durante o evento. Esta participação foi fundamental para que o objetivo do projeto fosse alcançado e para despertar na população local, a motivação e sua capacidade em desenvolver projetos que transformem sua realidade.

Estudo de Caso: Projeto “Arte em Movimento”

A idéia do trabalho surgiu da iniciativa de desenvolver projetos e eventos de cunho sócio-cultural na cidade de Bauru, no estado de São Paulo, Brasil. Visto que há, na cidade, poucos pontos destinados às atividades culturais e que estes se encontram em regiões centrais sendo, portanto, afastados de zonas periferias, o local escolhido foi o Jardim Ouro Verde, bairro considerado de baixa renda, mas que possui grande potencial e interesse, por parte da população, em atividades culturais e artísticas. Acredita-se que tais realizações são de extrema importância por contribuírem com o desenvolvimento e melhoria de ações culturais e filantrópicas na sociedade local.

Em 2002 a ONG Amigos da Cultura buscava levantar os centros comunitários que estavam desativados e encontrou no bairro Ouro Verde o local para implantação do projeto “Ouro Verde 100% Arte”. Este tinha como objetivo ativar o Centro Comunitário como um espaço para atividades como oficinas de percussão, aulas de informática, idiomas e outros tipos de atividades para os moradores locais. O projeto obteve êxito no início mas, por falta de verba, incentivo, mobilização, e uma administração forte foi acabando com o tempo.

Em junho de 2008 os estudantes do terceiro ano de Relações Públicas da faculdade UNESP de Bauru, realizou o projeto “Arte em Movimento” no mesmo local, mas por diversos motivos, não puderam dar continuidade as atividades realizadas no

bairro.

Nossa intenção foi reativar este projeto, como o “II Arte em movimento” com o intuito de reaproximar as pessoas do centro comunitário e retomar suas atividades culturais, acrescentando e alterando atividades que acreditamos necessárias, tendo em vista as demandas do local – fazendo as atividades em dois finais de semana (sábado e domingo).

O grupo que realizou o projeto foi composto pelas alunas Bárbara Zancopé Carnieri, Catarina Rangel Gomes da Silva, Gabriela Alves Masserani, Juliana Bicalho Matias, Júlica Scherer Sadi, Mariany Schievano Granato, Priscila Avona de Carvalho e Taís Dias Capelini, estudantes de Relações Públicas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.- UNESP, e foi orientado pela Prof^a. Dr^a. Celina Marta Corrêa, coordenadora do curso de Relações Públicas.

Tendo em vista as questões abordadas ao longo do atual artigo, acreditamos que o projeto “Arte em Movimento”, vai de encontro aos objetivos da universidade pública, a saber: ensino, pesquisa e extensão. A convergência dessas três vertentes propicia à comunidade beneficiada o aprimoramento conceitual, por meio das aplicações práticas, as quais conseqüentemente refletem em melhorias sociais. Assim, o grupo avalia como de fundamental relevância a aplicação dos conceitos aprendidos em sala de aula, a fim de valorizar a “cultura popular” que tem sido suprimida desde o surgimento até a consolidação da chamada “indústria cultural” e da “indústria de massa”.

Sendo assim, buscou-se através deste projeto proporcionar maior visibilidade às expressões culturais, estimular a produção cultural e conscientizar a população local da importância deste enriquecimento cultural. Também, pretende-se despertar nas empresas e entidades locais a necessidade de se investir em projetos sócio-culturais. Pensando a cultura e a informação como potencial transformador para a construção de uma sociedade mais justa, o projeto tem por finalidade criar condições necessárias para ações que objetivam colocar o público em contato com as manifestações artísticas, culturais e educacionais, visando democratizar o acesso a essas formas de expressão, favorecer o contato dos públicos com os bens e objetos simbólicos além de reduzir as distâncias que separam os indivíduos e grupos da vida cultural.

Após visitas ao local e reuniões com líderes do bairro, percebeu-se a necessidade do desenvolvimento de atividades que abrangessem toda a população local. Tendo

como público alvo crianças, jovens e adultos, que teriam maior contato com as manifestações artísticas, culturais e educacionais, visando, portanto, o aumento da difusão dessas formas de expressão. Levando em consideração o potencial percebido, o grupo procurou dar destaque aos artistas locais, para que estes fossem reconhecidos pela comunidade e ganhassem maior segurança e conhecimento para que desenvolvessem projetos autonomamente no futuro.

Alunos voluntários da própria Unesp se dispuseram a participar, oferecendo oficinas de gravura, desenho, pintura, confecção de caixas, customização de camisetas etc. A Bateria Universitária da Unesp também se prontificou a ajudar, fazendo apresentações juntamente com a Bateria Ouro Verde 100% Arte, do próprio bairro.

No bairro Jardim Ouro Verde, houve o apoio muito grande por parte da população para que o evento fosse divulgado e realizado. Atrações musicais, danças e apresentações de capoeira, bem como peças teatrais foram apresentadas pelos próprios moradores.

O projeto se constitui de apresentações artísticas, oficinas e palestras no local, nas quais os saberes populares se comunicam e trocam experiências com o público do projeto. As atividades ocorreram no Centro Comunitário e ao redor dele, na Rua Zenzo Kikuti – Quadra 04, com duração de quatro dias, divididos em dois finais de semana do mês de junho de 2009, das 14h às 18h, sempre se iniciando com apresentações artísticas, seguidas de palestras, que pretendiam conscientizar os moradores, e oficinas, que buscavam estimular a produção cultural.

Todas as atividades foram desenvolvidas e destinadas a cada público específico. Tendo em vista que o público infantil era maioria, teve-se a necessidade em aumentar atividades lúdicas, com brincadeiras como corda, bola, amarelinha etc., O grupo também disponibilizou pipoca e algodão doce aos participantes para promover integração entre todos e atrair a atenção para as atividades que aconteciam.

Para divulgação, ocorrida com três semanas de antecedência ao dia do evento, foram elaboradas artes em panfletos, cartazes, camisetas e moto-som. Os cartazes foram distribuídos em pontos estratégicos do bairro como escolas, estabelecimentos comerciais visitados por cada público e pontos de ônibus.

A divulgação dos panfletos ocorreu com o auxílio dos moradores locais, que juntamente com o grupo, divulgou em escolas do bairro e comunidades próximas boca-

a- boca, além de chamar os moradores em suas casas.

A veiculação da vinheta do moto-som foi elaborada voluntariamente por um comerciante local, que também cedeu sua moto para a divulgação no bairro e proximidades.

Além disso, a integrante Mariany Scheivano Granato deu uma entrevista, juntamente com dois moradores do bairro, para a TV local TV Prevê, alegando o motivo de se fazer o projeto e a necessidade de reforma no Centro Comunitário.

Atividades Realizadas

Primeiro dia - 20/06

A abertura do evento ocorreu com apresentação e posterior troca de experiências entre as baterias da comunidade e do campus da UNESP de Bauru. Tal atividade, que ocorreu em frente ao Centro Comunitário, atraiu moradores e passantes, que paravam para prestigiar e participar das demais atividades, integrando a população ao evento que se iniciava. A bateria da comunidade possui prestígio entre a população local e já participou de desafios e apresentações em outras regiões.

Em seguida, ocorreu a oficina de estêncil, confecção de arte personalizada em camisetas, destinada aos jovens. Paralelamente, ocorria uma oficina de cuia feita com cola e papéis de revista, destinada aos adultos.

Segundo dia - 21/06

As atividades iniciaram-se com oficinas de circo destinada aos públicos infantil e jovem, e de confecção de caixas decoradas para o público adulto.

Também destinada ao público jovem, uma oficina de capoeira, ministrada por um morador da comunidade, destinada a todas as idades. Ao final, todos se reuniram em uma grande roda, e participaram da apresentação de capoeira, com muita música e luta artística.

Após as oficinas, ocorreu a apresentação do palhaço que divertiu a todos que estavam no local.

Terceiro dia - 27/06

No terceiro dia, ocorreu a oficina de desenho e gravura, para crianças e jovens.

Concomitantemente, para o público infantil, ocorria a oficina de massinha, onde as crianças puderam criar animais existentes na floresta e posteriormente, realizar uma apresentação lúdica.

Quarto dia - 28/06

Após contato com o estilo de música Salsa, os participantes do evento integraram a oficina de dança, que ensinou passos de dança de salão e salsa, encerrando-se com forró, uma preferência dos participantes.

Para encerrar o evento, convidou-se um artista muito conhecido da comunidade, cantor do gênero Rap. Após a apresentação do rapper, um Dj local também pode expor seu trabalho.

O retorno foi muito positivo, tanto para a população do bairro quanto para as organizadoras do evento, uma vez que foi possível despertar alegria e interesse em expressões culturais. Muitas manifestações de agradecimento aconteceram ao término das atividades por parte da população local, que perceberam a importância dessa mobilização para o próprio bairro, pois através dela promoveu-se a convivência e integração entre vizinhos que normalmente não acontecia, abrindo portas para mobilizações futuras.

Considerações Finais

O artigo em questão se propôs a apresentar o projeto “Arte em Movimento” e suas repercussões na comunidade do bairro Jardim Ouro Verde. Foram apresentados conceitos sobre Cultura, Relações Públicas Comunitárias e o papel da universidade pública na sociedade

A partir da análise do projeto, percebeu-se que durante todo o evento houve enorme participação e envolvimento da comunidade, sempre muito interessada. Mesmo com o término do projeto, a população continuou se mobilizando e atualmente conquistou a reforma do espaço onde os eventos são realizados: o Centro Comunitário.

Até o momento do projeto, o local era precário, pois não possuía energia elétrica, as paredes não tinham acabamento e não eram pintadas, as janelas e portas estavam quebradas e não havia água para a cozinha nem para o banheiro, que era inutilizável e servia de depósito. Já existia uma biblioteca, na qual estava em ótimas

condições e possuía bom acervo de livros e estrutura, porém não havia ninguém que se disponibilizasse a ficar durante o dia para cuidar e organizar do local. Por isso, ela permanecia fechada e a utilização de seu espaço e acervo era impossibilitada pela população.

Após a execução do projeto “Arte em Movimento”, a reforma realmente aconteceu por meio do apoio do SENAC adquirido depois da realização do curso de Agente de Desenvolvimento Local, realizado pelo líder comunitário do bairro, Gilberto Cabral de Melo Neto. No decorrer do curso, os alunos do curso no SENAC, orientados pelo professor, escolheriam um projeto para que pudessem aplicar na prática o que aprenderam ao longo do curso.

Para a escolha do projeto de reforma do Centro Comunitário do Jardim Ouro Verde, a integrante Taís Dias Capelini, do grupo que desenvolveu o “Arte em Movimento”, juntamente com alguns moradores do bairro, apresentam aos alunos os motivos e justificativas para tal reforma. Alegaram que já havia tido um evento com intervenções culturais e afirmaram que a população local tinha muito potencial para produzir e organizar manifestações culturais. Além disso, foi discutida a importância do diálogo entre universidades e comunidade e que o tal projeto foi um exemplo de como este diálogo e integração podem ser vantajosos para ambos.

A proposta de reforma foi aceita e todos os participantes do curso ajudaram na captação de recursos e realização das obras. Hoje, os moradores realizam festas típicas, atividades como apresentações de danças, música, capoeira etc.

Tais acontecimentos comprovam que o projeto atingiu seu objetivo e foi de fundamental importância e seriedade, visto que contribuiu não apenas para o aprendizado do grupo, mas também por desenvolver a percepção do potencial transformador da própria comunidade e estimular a atuação de agentes multiplicadores de ações sócio-culturais, as quais permitem o desenvolvimento da comunidade de forma autônoma.

REFERÊNCIAS

BOVO, Josá Murari. **Universidade e Cidadania: Avaliação dos impactos econômicos e Prestação de serviços**. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=nURG0GFKApIC&oi=fnd&pg=PA9&dq=universidade+publica+e+comu>



05 a 07 de AGOSTO
PATO BRANCO - PR • BRASIL
VI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ
I CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA DE MÍDIA CIDADÃ



nidade&ots=a9hyr6C_kJ&sig=CXVO4mXrdexOxKtnxTZO-

U_v0oY#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 19 de julho de 2010, 24h.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

HENRIQUE, Simeone Márcio, organizador. **Comunicação e Estratégias de Mobilização Social**.- 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JESUS, V.M.B. **Do Objeto ao Aflorar do Sujeito: o planejamento participativo no contexto da economia solidária**. Bauru: Digital Descontraído, 2004.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling, organizadora. **Relações Públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO; 2001.

OCTAVIANI, Eliane Alevar Sertorio. **Universidade e Cidadania**. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/viewFile/32097/31335>>. Acesso em 19 de julho de 2010, 22h.

VOORWALD, Herman Jacobus Cornelis. **O desafio da universidade pública brasileira**. Disponível em:

<http://www.andifes.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=823:o-desafio-da-universidade-publica-brasileira-artigo-de-herman-jacobus-cornelis-voorwald-&catid=50&Itemid=100017>. Acesso em 19 de julho de 2010, 23h30